



PSD atrasado com nomes para principais câmaras

Autarquias. Em 20 capitais de distrito, sociais-democratas só têm oito nomes escolhidos. Ao PS só falta escolher quatro candidatos

MIGUEL MARUJO
e JOÃO PEDRO HENRIQUES

Os sociais-democratas estão atrasados na definição dos seus candidatos para as principais autarquias — estão por “fechar” 12 nomes para as capitais de distrito, apesar de, em alguns dos casos, só faltar oficializar as candidaturas. Do lado do PS, só em quatro destes concelhos é que ainda não há nomes, apurou o DN num levantamento feito junto dos partidos.

Dos 20 municípios em causa (18 no continente e dois nas ilhas), os socialistas ainda não apresentaram candidatos a Évora, Faro, Funchal e Setúbal. Na capital madeirense, o PS avançou numa coligação alargadíssima, que inclui quase toda a oposição regional (PS, BE, MPT, PAN, PTP e PND) ao PSD, excluindo o CDS e a CDU.

A direção de António José Seguro estabeleceu como critério “político”

a não recandidatura noutros municípios de autarcas que tenham atingido o limite de mandatos, o que leva à saída de alguns históricos, como Mesquita Machado, em Braga, José Ernesto Oliveira, em Évora, ou Joaquim Morão, em Castelo Branco.

Se em Évora o PS continua sem encontrar sucessor, nos outros concelhos “socialistas” já há nomes. E como recandidatos há três: António Costa em Lisboa, José Maria Costa em Viana do Castelo e Raul Castro em Leiria.

Em todo o caso, a direção de Seguro foi buscar dois velhos nomes dos municípios. No caso de Coimbra, é mesmo uma reincidência: Manuel Machado regressa como candidato a uma câmara que já dirigiu de 1989 a 2001. Em Bragança, o PS aposta em Júlio Meirinhos, nome forte da região depois de ter

dirigido a autarquia de Miranda do Douro durante quatro mandatos. Quando foi eleito, em 1979, era o presidente mais jovem do país com 23 anos.

PSD com muito por decidir

Já os sociais-democratas têm muitas questões em aberto. Faltam 12 nomes para as principais autarquias e, dos oito nomes já decididos, há dois que podem ainda levantar problemas, logo nas duas maiores cidades.

Fernando Seara e Luís Filipe Menezes são candidatos novos em Lisboa e no Porto, mas atingiram o limite de mandatos nas suas atuais autarquias (Sintra e Gaia, respetivamente) e não é ainda claro se os tribunais autorizarão as suas candidaturas.

Depois sobram bastiões laranjas, como Viseu e Vila Real, onde não há ainda nomes que substituam Fernando Ruas e Manuel Martins, autarcas históricos, em-

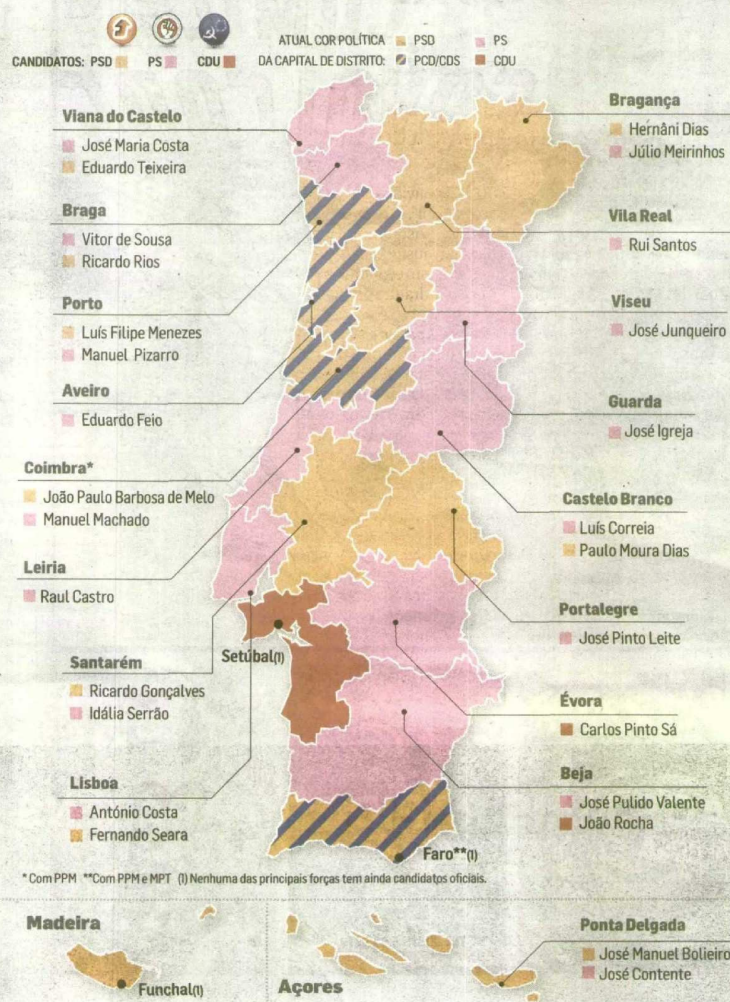
bora este, que lidera a concelhia do PSD duramente, tenha dito a 1 de março que a decisão “está para breve”.

Recandidatos entre os sociais-democratas também não haverá muitos. Em Coimbra avança o

atual presidente, mas Barbosa de Melo só o é desde dezembro de 2010, quando Carlos Encarnação — que não se poderia recandidatar este ano — anunciou a sua saída da autarquia.

Em Aveiro, atualmente dirigida por Elói Maia, em coligação com o CDS, o nome do presidente da câmara continua a ser o indicado, apesar de entre os sociais-democratas locais muitos suspirarem por Ribau Esteves, que dirige a autarquia vizinha de Ílhavo e também atingiu o limite de mandatos, mas que está agora na Comunidade Intermunicipal da região.

Principais candidatos nas capitais de distrito



CALENDÁRIO

Bloco é de longe o partido mais atrasado

«O Bloco de Esquerda é de todos os partidos parlamentares aquele que tem menos influência autárquica — e também o que está mais atrasado nas suas escolhas. Pedro Soares, o coordenador autárquico, disse ao DN que o processo está “em fase inicial” e só em maio deverá estar concluído. O objetivo oficial é ter mais candidatos do que há quatro anos e mais eleitos. O partido definiu uma política de alianças que exclui qualquer entendimento com o PS que não envolva também a CDU. No Porto esta política tem inviabilizado um entendimento com o PS».

Ex-ministro contesta estratégia do PS

CANDIDATOS A estratégia da direção do PS nas autarquias está a ser alvo de alguma contestação interna. Escrevendo no Facebook, Augusto Santos Silva, ex-ministro de Sócrates, deu conta da sua perplexidade: “Não consigo compreender a estratégia do PS para as autarquias”.

Porque, justificou, tendo agora o PS “todas as condições para uma vitória esmagadora” com “um significado político nacional”, a verdade é que “a direção do PS — que em boa hora tomou uma decisão clara de proibição de candidaturas habilitadas dos atingidos pela limitação de mandatos — parece renunciar a comandar as candidaturas”. “As concelhias escolhem os candidatos que muito bem enten-

dem, por vezes contra os presidentes em funções; surgem várias candidaturas da área socialista para os mesmos municípios; os jornais dão abundante nota de guerras locais de alecrim e manjerona”, escreveu, deixando três perguntas: “Não há na direção nacional quem dirija este processo? Não tem a direção do PS objetivos nacionais para as eleições? Não as enquadra numa estratégia de construção de alternativa política?”. No subtexto das considerações de Santos Silva parece estar, nomeadamente, o caso de Matosinhos: o presidente socialista da câmara (Guilherme Pinto) não foi reconduzido pela concelhia e agora vai avançar como independente, enfrentando o candidato oficial do partido, J.P.H.